

Liberte Nosso Sagrado: uma análise sobre os circuitos de acervos e imagens afro-diaspóricas no contexto brasileiro e transnacional¹

Fernando Carlos de Sousa (PPGSP/UENF)²

Palavras-chave: Liberte Nosso Sagrado; diáspora africana; acervo afro-diaspórico; religiosidades

1. Introdução

Olorum chamou herdeira no aiyê!
No firmamento, velho Omolu
Era a cura pra salvar ilê...
O recomeço Mojubá Exu,
Ventre encantado fez Iyá Maria
Vovó Davina apontou o céu.
Oraieiê do ouro a luz divina
Se fez doçura pra abrandar o fel.
Era tempo de diáspora do povo preto!
Era sangue e degredo meu sagrado em punição...
O tambor que, cultuado, insistiu em resistir:
Fundamento assentado em São João de Meriti!

**“Disse a farda ser a Lei...” Vilipendiou!
Foi Xangô, meu rei, contra o opressor!**

No chão batido, um céu de xirê...
Pequenas Áfricas de Oxalá
Renovam vida por Oxumaré,
E purificam pelas águas de Iemanjá!

Ogum se junta a Logun Edé,
Intensificam luta de Iansã,
Vencer demanda é dom de mulher,
A luz de Obá e o saber de Nanã.
Onde dançam orixás, o preceito é ancestral.
Cada um com sua crença nesse meu Brasil plural!

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 23 e 26 de julho de 2024.

² A presente pesquisa está sendo realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Que Oxossi atire a flecha e atinja os corações...
Pra que haja mais respeito entre as religiões.

**Eu vi a coroa d'Oxum, ô Meninazinha...
Unidos feito ponte - o amor e o axé.
Som de Ketu é atabaque, Yalorixá Rainha!
Deixa em paz meu terreiro de Candomblé!**³

(“Liberte Nosso Sagrado – O Legado Ancestral de Mãe Meninazinha de Oxum”. Samba Enredo, Unidos da Ponte, 2023)

Em setembro de 2020, após o terceiro ano da campanha Liberte Nosso Sagrado, 519 objetos sagrados do Candomblé e da Umbanda foram transferidos do Museu da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, no centro da capital, para o Museu da República, no bairro do Catete, Rio de Janeiro⁴. Em meio à pandemia e no florescer da primavera, os 519 objetos sagrados das religiões afro-brasileiras⁵ foram recebidos no Museu da República sob a reverência das palmas e cantigas de Babalorixás e Ialorixás do Candomblé e Umbanda, em cerimônia reservada.

A campanha Liberte Nosso Sagrado foi iniciada em março de 2017, a partir de uma articulação que envolveu a participação de lideranças religiosas de diferentes casas de Candomblé e Umbanda, ativistas do movimento negro, artistas, organizações da sociedade civil, pesquisadores e parlamentares. A campanha consistiu num movimento de articulação cujo objetivo era retomar uma luta histórica pela transferência da “Coleção Museu da Magia Negra”, do Museu da Polícia Civil, para uma instituição onde esse acervo pudesse receber um

³ Este é o Samba Enredo da Unidos da Ponte de 2023, agremiação de São João de Meriti, que desfilou na Marquês de Sapucaí pela Série Ouro com o enredo: “Liberte Nosso Sagrado – O Legado Ancestral de Mãe Meninazinha de Oxum”. O desfile homenageou Mãe Meninazinha de Oxum e a luta pela libertação do Acervo Nosso Sagrado.

<https://open.spotify.com/track/26BKipKXSLftXqO1rysSyN?si=w6oPNuKmswqqHL-wxsq51Q> Acessado em 12/11/2023

⁴ No curta documentário “Respeita Nosso Sagrado”, registramos o dia de transferência do Acervo Nosso Sagrado para o Museu da República, em 21/09/2020. Com produção audiovisual da Quiprocó Filmes e direção de Fernando Sousa e Gabriel Barbosa, foi lançado em 20/11/2020. O curta já foi exibido em diversos festivais de cinema, eventos acadêmicos, no Brasil e no exterior. O documentário foi vencedor do XI Prêmio República na categoria Responsabilidade Social da Associação Nacional dos Procuradores da República (ANPR), recebeu Menção Honrosa no Prêmio Ana Galano da Mostra de Imagem e Som do 46º Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e também foi condecorado com outra Menção Honrosa no V Festival Internacional do Filme Etnográfico do Pará (FIFEP). Atualmente pode ser visto na exposição “Ensaio para o Museu das Origens”, em cartaz no Itaú Cultural, em São Paulo, até 28 de janeiro de 2024.

⁵ É instrutivo salientar que para a construção desse anteprojeto de pesquisa as categorias afro-brasileiras e afro-diaspóricas não estejam sendo utilizadas com o devido rigor analítico. Considerando o propósito dessa primeira versão de anteprojeto, é relevante salientar a importância de se analisar os diferentes usos dessas categorias, seus significados e apropriações pelos diferentes agentes envolvidos nas disputas políticas pela restituição de acervos ou na luta pela construção de mecanismos de reparação. Seja do ponto de vista político ou discursivo, trata-se de categorias acionadas num amplo campo de disputa e por vezes conflituoso.

tratamento museológico adequado⁶. Em suma, a iniciativa buscava levar o debate sobre a coleção à esfera pública com o intuito de retirá-la do Museu da Polícia. Trata-se de um processo que envolveu ainda múltiplas instituições, como o Ministério Público Federal, o Iphan, museus públicos e a própria Polícia Civil. Com relação às lideranças de matriz africana, os debates iniciais eram norteados por preocupações sobre a propriedade e origem dos objetos da coleção, o destino, o status e os significados desta coleção que consiste no primeiro patrimônio etnográfico do Iphan, registrado e tombado em 1938.

A partir da formação da campanha, um conjunto de estratégias foi pensado junto com as principais lideranças religiosas participantes do grupo, tais como: 1) elaboração de uma representação a ser protocolada no Ministério Público Federal; 2) elaboração de um ofício para a Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro solicitando informações detalhadas sobre a coleção como quantidade total de objetos, descritivo sobre as condições de acondicionamento, descrição analítica de cada item e seu atual estado de conservação; 3) marcação de diligências para acessar as dependências do Museu da Polícia e o acervo; 4) realização de audiência pública; e 5) produção de um documentário sobre a luta política para a libertação do acervo⁷.

O acervo é composto por 519 objetos sagrados da Umbanda e do Candomblé, e a sua formação se deu entre os anos de 1890 e 1946, contexto em que essas religiões eram criminalizadas e perseguidas pelo Estado brasileiro. O acervo foi tombado pelo antigo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico, atual IPHAN, em 1938, e por quase um século permaneceu sob a posse do Museu da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro. O trabalho de Pereira (2017) aborda a formação da coleção de objetos sagrados quando ainda estavam sob a posse do Museu da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, objetivando também compreender o processo de tombamento da coleção. Além disso, ao longo do trabalho, a autora analisa a relação dos objetos sagrados com o povo de santo, através das falas de Mãe Meninazinha de Oxum, sobretudo quando a Ialorixá apresenta as suas reivindicações pela restituição da coleção. Por fim, é uma pesquisa que se insere num esforço de abordar essa

⁶ Na dissertação de mestrado de Alves (2021) encontramos uma etnografia que descreve de forma minuciosa a genealogia política da campanha Liberte Nosso Sagrado, analisando o seu processo de formação, as disputas políticas e a transferência para o Museu da República da coleção de objetos sagrados de matriz africana que estavam sob a posse da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro desde o início do século XX.

⁷ Particularmente, é importante ressaltar que a minha inserção nessa agenda política aconteceu especialmente a partir da produção de duas obras audiovisuais. Em 2016, foi lançado o curta documentário “Intolerâncias da Fé”, em que eu assino a produção executiva, direção e roteiro com Alexandre Borges e Tais Capelini. Ainda em 2016, junto com Stela Caputo, produzi e dirigi o vídeo “Axé com Freixo”, no âmbito da campanha eleitoral de disputa das eleições municipais para a prefeitura do Rio de Janeiro. Essa introdução é importante já que, mais adiante, tratarei da produção do documentário Nosso Sagrado (2017).

reivindicação sob um panorama nacional e internacional. É o primeiro registro do livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, denominado “Museu de Magia Negra”.

O Estado Brasileiro, por um longo período, perseguiu, invadiu e expropriou práticas e objetos da cultura e das religiosidades afro-brasileiras. Com o Código Penal de 1890, especialmente em seus artigos 156, 157 e 158, que criminalizam as práticas religiosas da Umbanda e Candomblé, as batidas policiais aos terreiros se tornaram rotineiras e, com elas, as apreensões dos objetos sagrados dessas religiões em diversas regiões do Brasil. Atualmente, a questão da cultura afro-brasileira, assim como os museus e os espaços de memória, tornou-se uma das grandes preocupações das políticas de preservação do patrimônio cultural brasileiro. Há um entendimento comum de que ações que valorizem essas memórias constituem formas de “trazer o outro lado do Atlântico para cá” - o Brasil.

A presente proposta de pesquisa se insere no campo de estudos clássicos sobre as religiosidades afro-brasileiras - Vogel, Mello & Barros (2007), Maggie (1992), Verger (2018) -, estudos estes que têm merecido cada vez mais a atenção de inúmeras áreas de conhecimento acadêmico das Ciências Sociais e Humanas. Além das referências acadêmicas, é salutar dizer que parte significativa do repertório adquirido nos últimos anos foi acumulada nas interlocuções com lideranças religiosas, pesquisadores, representantes de organizações da sociedade civil, movimento negro e sociais, incluindo os conflitos, as tensões e rupturas. A delimitação do objeto desta pesquisa ganha contornos mais precisos se pensarmos a partir do meu envolvimento pessoal desde as primeiras articulações que culminaram na formação da campanha Liberte Nosso Sagrado ou a partir de um conjunto de produções cinematográficas que resulta na elaboração desse seminal anteprojeto de pesquisa.

Em paralelo à formação da campanha Liberte Nosso Sagrado, estava sendo criada a produtora de cinema Quiprocó Filmes⁸, mas como já foi mencionado o meu envolvimento com as religiosidades afro-brasileiras é anterior a esse processo de criação da produtora. Entre 2015 e 2016, trabalhei diretamente na produção do documentário “Intolerâncias da Fé” e na realização do vídeo “Axé com Freixo”, realizações que serviram de credenciais para a produção do documentário Nosso Sagrado, obra em que abordamos a luta pela restituição do acervo da Polícia Civil.

⁸ A Quiprocó Filmes é uma produtora audiovisual sediada no Rio de Janeiro, fundada por Fernando Sousa e Gabriel Barbosa, em 2016. Desde então, foram realizados os curtas metragens Nosso Sagrado (2017), Nossos Mortos Têm Voz (2018), Memórias de Aço (2020), Respeita Nosso Sagrado (2020), Balaio de Omolu (2021). Mais recentemente foram lançados dois longas, Entroncamentos - vida e memória nas estações ferroviárias do Vale do Paraíba (2022) e Rio, Negro (2023). Ver mais: www.quiprocofilmes.com.br Acessado em 22/10/2023.

Esse projeto se insere no campo de estudos e pesquisas sobre processos que envolvem a presença litigiosa, questionável e até ilegal de acervos afro-diaspóricos em coleções públicas, considerando o contexto de aquisição ligado direta ou indiretamente à criminalização das religiosidades de matriz africana e à colonização, no contexto brasileiro e transnacional, respectivamente⁹. Tendo em vista os diferentes cenários contemporâneos de restituição de patrimônios afro-diaspóricos, a campanha Liberte Nosso Sagrado integra um amplo processo político de reivindicações que visam questionar o destino dessas obras, seja no Brasil ou no contexto internacional, especialmente os tensionamentos entre instituições museológicas europeias com os países africanos. Essas confrontações têm gerado polêmicas entre museus, curadores, historiadores da arte, artistas visuais, cineastas, pesquisadores das ciências humanas e sociais. Em paralelo, essas confrontações também estão possibilitando a abertura de novos campos de pesquisa sobre a construção de imagens e visualidades acerca desses objetos, a questão da proveniência de coleções afro-brasileiras e africanas, a dimensão ética da investigação em história, sociologia e antropologia da arte africana, aspectos cruciais que nortearão a delimitação do objeto dessa pesquisa.

2. Referencial Teórico

“Uma aldeia onde ainda existam festas de verdade e expressões artísticas exercidas e fruídas por todos, em comum, lado a lado com o analfabetismo absoluto, é mais avançada, culturalmente, do que as nossas cidades de leitores de jornal e ouvintes de rádio”. Costa e Silva (2022)

O museu ocidental é uma instituição onde podemos encontrar quadros, objetos, móveis, estátuas de vários lugares do mundo e de diferentes épocas, mas também encontramos restos mortais - crânios, ossos, cabelos, sem falar do universo animal e vegetal. É salutar o trabalho de Vergès (2023), considerando a importância de contextualizar o nascimento dos museus sob a sua forma atual no século XVIII - o século das revoluções

⁹ Lafont (2023) faz uma interessante análise sobre os tensionamentos que atravessam a experiência estética africana e das comunidades que a reivindicam em diferentes níveis, demarcando o lugar da arte nos mundos negros e, concomitantemente a isso, sobre o lugar da arte negra no mundo. No que diz respeito à nossa proposta de pesquisa, é salutar demarcar como a obra contribui ao debate sobre os processos de restituição do patrimônio africano presente em instituições francesas e européias. Como ressalta a autora, a importância do projeto de restituição não é apenas simbólica. Ele deverá abrir uma nova página nas relações entre a França e certo número de países africanos, como o Benim, Mali e Senegal, cujos objetos ritualísticos se encontravam entre aqueles que os franceses (militares, missionários, antropólogos etc) adquiriram em circunstâncias coloniais brutais, o que mina a sua presença nas coleções museológicas francesas.

(entre as quais a Revolução Haitiana, muito frequentemente “esquecida”), quando o tráfico escravagista atingiu um pico inigualável. Banqueiros, seguradores, armadores, proprietários de escravizados, capitães negreiros e fazendeiros enriqueceram enormemente. O museu ocidental conquistou verdadeiramente sua glória no século XIX, quando juntou ao seu acervo milhares de objetos de arte e restos mortais que soldados, oficiais, missionários, aventureiros, mercadores e governadores trouxeram com eles no fim das guerras imperialistas e de colonização. Foram esses objetos que enriqueceram as galerias dos museus ocidentais e garantiram à instituição um status indisputável: como mensurar o alcance dos acervos dedicados à Ásia, África, Américas, Oceania, Europa e Caribe. Nada escapou.

Os museus foram absolutamente bem sucedidos ao realizarem uma formidável inversão retórica, dissimulando os aspectos conflituosos e criminosos de sua história e apresentando a si mesmo como um depósito do universal, um guardião do patrimônio da humanidade, como um espaço para ser cuidado, protegido e preservado de contestações, um espaço com status de santuário, isolado das desordens do mundo. A neutralidade do museu é inquestionável. Contudo, há décadas o museu é contestado e questionado. Comunidades, nações e Estados exigem reparações e restituições. Esses pedidos de restituições de objetos e coleções inteiras remetem a uma longa história de expropriação que faz eco ao extrativismo como lógica do capitalismo racial (Vèrges, 2023).

Esse histórico permite-nos afirmar que o museu não é um espaço neutro, pois sua trajetória está associada a um campo de batalhas ideológicas, políticas e econômicas, à medida que estão igualmente ligados à ordem racista, patriarcal e extrativista do mundo. Mediante esse histórico dos museus ocidentais, qual seria o seu público prioritário? Em “O amor pela arte”, Bourdieu (2007) pondera como os museus abrigam tesouros artísticos que se encontram, ao mesmo tempo (e paradoxalmente), abertos a todos e interditados à maioria das pessoas. Na mesma obra, o autor mostra como o coração obedece à razão, à medida que desvenda as condições sociais de acesso às práticas cultivadas, demonstrando que a cultura não é um privilégio natural, mas que seria necessário e bastaria que todos possuíssem os meios para que dela tomassem posse para que ela pertencesse a todos. O gosto pela arte e a frequência aos museus em todos os países pesquisados pelo autor aumenta consideravelmente em concomitância ao nível de instrução, correspondendo quase que a um modo de vida (de ser) exclusivo das classes cultas. O gosto pela arte pode ser descrito, medido e explicado na exata medida em que é um atributo (qualidade) adquirido ao longo da vida em sociedade. Ou seja, a “necessidade cultural” é, em seu entender, produto da educação, da ação efetiva da instituição escolar.

A necessidade cultural seria produto das condições educacionais, não são dons supostamente inatos de indivíduos e grupos sociais cuja aptidão emana da natureza, pois a obra de arte só existe para quem tem os meios para decodificá-la, o que se relaciona com o grau de familiaridade com ela, só adquirida através da educação. Os sujeitos menos escolarizados [menos cultos] estariam condenados a "apreender a obra de arte em sua pura materialidade fenomenal", isto é, estariam desarmados do conhecimento das tradições e da linguagem artística, excluídos das significações organizadas por um conjunto de saberes acumulados. A estética estaria em geral limitada ao ethos de classe. Bourdieu desvenda as condições históricas e sociais da plena posse da cultura e também do desapossamento cultural.

No caso brasileiro, ao analisar o universo estético afro brasileiro, Gonçalves (2008) chama a atenção para o desafio de não classificarmos negativamente as manifestações estético-religiosas como exemplos de um mundo pré-moderno, primitivo, exótico, animista e fetichista em contraste com a modernidade e seus valorizados movimentos artísticos, acadêmicos ou não, e suas religiões hegemônicas. E mais, trata-se do desafio de não ter esse universo estético associado ao diabo, sobretudo quando tratamos da divindade Exu. Entre todas que são cultuadas pelas religiosidades afro-brasileiras, nenhuma provoca mais polêmica quanto Exu. Sua demonização foi inevitável, tanto na África quanto nas Américas.

3. Objetivos

3.1. Geral

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar processos políticos estabelecidos na formação de acervos afro-diaspóricos, considerando as reivindicações que envolvem a repatriação de objetos, ações de reparação e de construção de novas visualidades que atravessam o campo das religiosidades, das artes, a museologia e a cinematografia.

3.2. Específicos

- 1) Investigar os diferentes contextos de formação das coleções afro-diaspóricas, tratando aspectos que envolvem a preservação, exposição ao público e produção de imagens;
- 2) Investigar processos de reivindicação política de restituição de coleções afro-diaspóricas, analisando as confrontações entre instituições museais, curadores, historiadores da arte, artistas visuais, produções cinematográficas, pesquisadores das ciências humanas e sociais;

- 3) Analisar a construção de imagens e visualidades tendo em vista as tensões que atravessam processos expositivos e de produção cinematográfica sobre coleções afro-diaspóricas.

4. Justificativa

A transferência do Acervo Nosso Sagrado para o Museu da República¹⁰ se insere num contexto contemporâneo de abertura de um amplo campo de pesquisa sobre questões que envolvem a proveniência, o acondicionamento e a restituição de acervos afro-diaspóricos, no cenário brasileiro e transnacional. No Brasil, os processos de patrimonialização de coleções são colocados em prática em variados contextos institucionais públicos e particulares, como é o caso dos museus e dos terreiros de Candomblé e Umbanda. Atualmente, há um conjunto significativo de objetos e coleções etnográficas sob a guarda de museus, centros culturais e outras iniciativas culturais comunitárias, como é o caso de memoriais lugares de memória em terreiros de Umbanda e Candomblé.

Dentre outras iniciativas existentes, temos duas realizações pioneiras no campo da preservação e salvaguarda da memória e de acervos em espaços de terreiro. A primeira é o Memorial Mãe Menininha do Gantois, que pode ser conferida na publicação de Silva (2010). E a outra é o Museu Memorial Iyá Davina¹¹, criado em 1997, e que reúne um acervo de objetos sagrados e de uso rotineiro, fotografias e documentos guardados pela matriarca e configura-se também como uma importante coleção etnográfica para pesquisa e preservação da memória dos povos de matriz africana. Localizado em São João de Meriti, trata-se do primeiro museu memorial do gênero no estado do Rio de Janeiro, com um acervo de mais de 120 itens inventariados e recebe, desde então, a atenção das comunidades tradicionais afro-brasileiras das mais variadas partes do país, além de estudantes, pesquisadores e turistas

¹⁰ No última dia de inscrição e no momento em que finalizo esse anteprojeto me deparei com o belo artigo da Flávia de Oliveira para o jornal O Globo, em que a jornalista de forma assertiva trata da ampliação de ações de reparação pela escravidão, com destaque para a abertura de novos campos de pesquisa e registros históricos, construção de monumentos, repatriação de patrimônios sequestrados e compensação financeira. Dentre outros processos, a jornalista cita em sua coluna semanal o caso da coleção intitulada “Bronzes do Benim” e a transferência do “Acervo Nosso Sagrado” para o Museu da República, enquanto casos exemplares no campo da restituição de patrimônios, no contexto brasileiro e transnacional, respectivamente. <https://oglobo.globo.com/opiniao/flavia-oliveira/coluna/2023/11/a-vez-da-reparacao.ghtml> Acesso em 17/11/2023

¹¹ No caso do Museu Memorial Iyá Davina é possível obter mais informações no site: <https://ileomolueoxum.org/museu-memorial-iy-a-davina/> Acessado em 14/11/2023

Já no contexto em que estão implicadas relações transnacionais¹², um primeiro caso que rendeu grande repercussão passa pela disputa em torno do novo destino dos “Bronzes do Benim”, conjunto de mais de 1 mil objetos saqueados da Nigéria durante o período colonial. Trata-se do acordo mais significativo assinado por um país Europeu, que contribui significativamente com a promoção do debate sobre a necessidade de restituição de outros bens culturais saqueados pelas nações europeias durante o período colonial. Ainda nesse contexto transnacional, outro caso que ganhou grande repercussão na mídia brasileira e internacional envolve a restituição pelo Brasil de um dos mais bem preservados entre os onze mantos tupinambás remanescentes do século XVII. Após um longo e sigiloso acordo, o Museu Nacional da Dinamarca anunciou a doação da peça considerada sagrada pelos indígenas. De acordo com registros oficiais, a relíquia sagrada está na Europa desde o século XVII, é um tesouro confeccionado com penas vermelhas do do guará¹³.

5. Metodologia

O trabalho de campo permanece como um método notavelmente sensível. A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e frequentemente um “desarranjo” das expectativas pessoais e culturais. A etnografia está, do começo ao fim, imersa na escrita. Esta escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual. O processo é complicado pela ação de múltiplas subjetividades e constrangimentos políticos que estão acima do controle do escritor. Em resposta a estas forças, a escrita etnográfica consiste numa estratégia específica de autoridade (Clifford, 2002).

Considerando a dimensão metodológica que caracteriza a realização desta proposta de pesquisa, é instrutivo acentuar o modo pelo qual se deu a minha inserção empírica no campo. Os principais fatores que motivaram tornar esta experiência em objeto de reflexão e pesquisa,

¹² O caso dos “Bronzes do Benim” teve uma ampla repercussão na mídia brasileira e internacional, contribuindo para reverberar situações semelhantes com relação a outros acervos, bem como ampliar o debate sobre a devolução de coleção saqueadas em contextos coloniais e de pautar publicamente o importante debate sobre formas de reparação, para além da devolução em si desses tipos de coleções. <https://www.dw.com/pt-002/nig%C3%A9ria-e-alemanha-assinam-acordo-para-devolu%C3%A7%C3%A3o-dos-bronzes-do-benim/a-62357742> Acessado em 12/11/2023

¹³ A informação sobre a doação do manto tupinambá foi tirada da matéria da Revista Piauí, conforme o link a seguir: <https://piaui.folha.uol.com.br/volta-do-manto-tupinamba/> Acesso em 14/11/2023

entre os quais os mais decisivos são, sem dúvida, o caráter “oportunista” e ambivalente da minha inserção no campo. Ao longo dos últimos dez anos, o “estar lá” e o trabalho de observação me colocaram como objeto e sujeito de observação, no sentido da “participação observante” apresentada por Wacquant (2002). A minha proposta envolve, por um lado, a necessidade de abordar a minha atuação como cineasta e produtor, envolvido com a realização de um conjunto significativo de obras que versam sobre os fenômenos políticos da intolerância e o racismo religioso na cidade do Rio de Janeiro. Esse é um esforço de transformar esta experiência em uma proposta de pesquisa. Ela é fruto desta experiência como cineasta e produtor, à medida que eu me tornei um experimentador; e a experimentação, um meio para o trabalho de observação e descrição. Portanto, seria absolutamente enganoso e artificial se eu buscase apresentar a minha pesquisa nos termos clássicos que definem a observação participante como método privilegiado da etnografia (Malinowski, 1976).

Portanto, essa é uma pesquisa que será desenvolvida a partir da revisão da literatura existente combinando com o trabalho empírico, mediante a análise de processos políticos que envolvem a reivindicação e restituição de coleções afro-diaspóricas¹⁴, considerando a construção de imagens e visualidades sobre esses mesmos processos, em sua interface com a criação de exposições museológicas e a produção cinematográfica existente. A proposta é que a pesquisa seja realizada a partir da combinação de variadas técnicas, desde a “participação observante”, não descartando a aplicação de entrevistas semi-estruturadas, análise e revisão da literatura existente. O trabalho teórico consistirá no levantamento e na revisão de literatura pertinente ao tema. Serão utilizados ainda como fonte de pesquisa filmes, jornais, artigos e entrevistas de especialistas publicados sobre o tema, o que possibilitará uma análise abrangente.

6. Cronograma

No cronograma abaixo encontram-se sistematizadas as macro atividades, suas respectivas durações e suas intersecções com o plano de trabalho como um todo.

¹⁴ Ainda sobre o circuito das coleções e acervos afro-diaspóricos há uma pioneira pesquisa em curso na Universidade Federal Fluminense, cujo objetivo é a realização de um “Mapeamento das Coleções Etnográficas do Brasil”, cuja formação foi estimulada a partir do Comitê de Patrimônios e Museus da Associação Brasileira de Antropologia - ABA. A pesquisa está sendo realizada em todas as regiões do Brasil, indicando a abrangência e o quantitativo significativo de coleções afro-brasileiras dispersas pelo país. Para mais informações basta acessar o site a seguir: <https://patrimoniocultural.uff.br/mapeamento-das-colecoes-etnograficas-no-brasil/> Acesso em 13/11/2023

ATIVIDADES	2024									
MESES	Marc	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Aulas	X	X	X	X		X	X	X	X	X
Revisão Bibliográfica					X	X	X	X		
Elaboração de projeto de tese					X	X	X	X	X	X

ATIVIDADES	2025									
MESES	Març	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Aulas	X	X	X	X		X	X	X	X	X
Defesa projeto de Tese	X									
Adaptação projeto	X	X								

ATIVIDADES	2026									
MESES	Marc	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Aulas	X	X	X	X		X	X	X	X	X
Pesquisa de Tese	X	X	X	X		X	X	X	X	X
Elaboração texto qualificação	X	X	X	X		X	X	X	X	

Participação em congressos (elaborar artigos)					X	X	X	X	X	
Qualificação										X

ATIVIDADES	2027									
MESES	Marc	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Elaboração da Tese	X	X	X	X		X	X	X	X	X
Defesa da Tese										X

7. Bibliografia

ALVES, Luiz Gustavo Guimarães Aguiar. "Liberte Nosso Sagrado": as disputas de uma reparação histórica. Luiz Gustavo Guimarães Aguiar Alves; Marina Annie Martine Berthet Ribeiro, orientadora. 210 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

BOURDIEU, Pierre; **DARBEL**, Alain. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. Tradução:Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo, Editora Zouk, 2003.

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

LAFONT, Anne. A arte dos mundos negros: história, teoria, crítica. [Tradução: Rita Paschoalin, Leo Gonçalves, Vivian Braga dos Santos]. 1ª edição. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2023, 208 p.

LODY, Raul. O negro no museu brasileiro: construindo identidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MAGGIE, Yvonne. O Medo do Feitiço: Relações entre Magia e Poder no Brasil. Rio de Janeiro: ARQUIVO NACIONAL, 1992.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné - Melanésia. São Paulo: Editora Abril, 1976.

PEREIRA, Pamela de Oliveira. Novos olhares sobre a coleção de objetos sagrados afro-brasileiros sob a guarda do museu da polícia: da repressão à repatriação. Pamela de Oliveira Pereira. Rio de Janeiro, 2017. Orientadora, Edlaine de Campos Gomes. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória Social.

COSTA e SILVA, Alberto da. *A manilha e o libambo*. A África e a escravidão, de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

_____ Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África. 7ª Edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2022, 368 p.

SILVA, Carmem Oliveira da. Memorial Mãe Menininha do Gantois: seleta do Acervo. Organização e Curadoria Raul Lody. 1ª Edição, Salvador, Editora Omar G, 2010, 216 p.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Arte religiosa afro-brasileira: as múltiplas estéticas da devoção brasileira. Debates do NER, Porto Alegre, Ano 9, nº 13, P. 97-113, JAN./JUN, 2008.

THORNTON, John. A África e os africanos na formação do mundo atlântico, 1400-1800. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2004.

VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás: deuses iorubás na África e no novo mundo. Traduzido por Maria Aparecida da Nóbrega. Fundação Pierre Verger, Salvador - BA, 308 p., 2018.

VERGER, Pierre. Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador - BA, Fundação Pierre Verger, 2018.

VERGÈS, Françoise. Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo, Editora Ubu, 272 p., 2023.

VOGEL, Arno; **MELLO**, Marco Antônio da Silva & **BARROS**, José Flávio Pessoa de. Galinha D'Angola - Iniciação e identidade na cultura afro-brasileira. Ed. Pallas, Rio de Janeiro, 228 p., 2007.

Filmes

BALAIÓ de Omolú. Direção de Fernando Sousa e Gabriel Barbosa. Rio de Janeiro, Quiprocó Filmes, 2020. Youtube. (27 min).

INTOLERÂNCIAS da Fé. Direção de Alexandre Borges, Fernando Sousa e Taís Capelini. Rio de Janeiro, Asha Filmes, 2016. Canal Futura. (16 min).

NOSSO Sagrado. Direção de Fernando Sousa, Gabriel Barbosa, Jorge Santana. Rio de Janeiro, Quiprocó Filmes, 2017. Canal Brasil. (29 min).

RESPEITA Nosso Sagrado. Direção de Fernando Sousa e Gabriel Barbosa. Rio de Janeiro, Quiprocó Filmes, 2020. Canal Brasil. (11 min).

RIO, Negro. Direção de Fernando Sousa e Gabriel Barbosa. Rio de Janeiro, Quiprocó Filmes, 2023. Canal Curta. (85 min).